

# Dos áureos tempos do Circo à era do Cinema e Televisão

*Correio Popular 13-2-77*

Rir. Alegrar-se. Distender músculos faciais. O ritus. O nervoso. O relaxo e as reflexões ensolaradas. O homem nasceu para ser feliz. Até no sofrimento. E razão sobra a Oscar Wilde quando diz que a arte supera a vida. Quando o homem nasceu, com ele vieram a dor, o encanto, a graça, o sorriso, o medo, o instinto, a inteligência, a perseverança. O homem é fruto da árvore da eternidade. As idades se transformam, como a simples asserção de Lavoisier. Mas o homem prossegue o mesmo. Seu objetivo: achar a civilização. Sua vocação: encontrar o seu próprio bem. Seus anseios: viver a vida. Eis o motivo porque ele, desde séculos, buscou pelas estrelas, os caminhos da alegria e do amor. Descobriu como rir. E chegou a Shaw, a Cherteston, a Twain, a Chaplin, a Linder e por aí.

Mas foram os romanos que fixaram os meios da alegria. Criaram os circos. Vem de remota antiguidade os "Circus Maximus" e o "Circus Flaminius", de Roma, até chegar aos circos de Philip Astley, em 1790, na sisuta Bretanha.

No Brasil houve circos. Os brasileiros riram com os Queirolo, com Piolin, com Chincharrão, com Zepelin (vivo em Campinas, graças a Deus e ainda em atividade). Houve circos, moças de sombrinhas brancas, "o palhaço o que é? E' ladrão de muié"! Houve engole-espadas e fogo; houve cavalos de picadeiro, cachorros e bolas e o imortal palhaço de nariz vermelho e de bengala grossa, com "colarinho de palhaço". Mas o circo ficou saudade. Foi-se ao mundo sem predestinação. Alguns não se rendem. Além do Sarasani, alguns nos Estados Unidos ou na União Soviética. Poucos por aqui. O cinema ferrou a cada das lonas, como o escorpião ferra a carne dos destraidos. Tudo mudou. Agora é cinza para os circenses.

A imagem na retina foi obra pioneira do físico belga Joseph-Antonie Plateau, com o seu fenaciscopio, em 1829. Seguiram-se com experiências de laboratórios, visando a obter mudanças diferentes na apreensão das imagens e depois à procura de movimento, os cientistas Hervé Faye, Jules Dubrog e Peter Huber Desvignes, em 1860. Após atividades de outros estudiosos, em 1895, os franceses Auguste e Louis Lumiere é que realmente descobriram a movimentação de fotos superpostas, com o seu cinematógrafo.

Estava consumado o invento do cinema. A 22 de março desse mesmo ano, realizou-se a primeira apresentação pública em caráter experimental. A 28 de dezembro de 1895, no subsolo do Grand Café Paris, na capital gaulesa, deram-se as exibições inaugurais do cinema, com sucesso surpreendente. Os filmes ainda incipientes, chamavam-se "La sortie des usines Lumiere" e "A Lyon-Monplaisir". Menos de um ano depois, fato considerado significativo, o cinema chegava ao Brasil (8 de julho de 1896).

Nossos primeiros filmes, como era natural, eram importações francesas. Mais tarde italianas e alemãs. No começo do século, aconteceram a criação da chamada "mentalidade cinema" e o deslumbramento da consagração dos astros.

Contudo, não nos devemos esquecer de que somente depois da conflagração 1914/1918, foi que a arte cinematográfica teve o seu "rush" e a sua popularidade. Revelarem-se diretores e artistas. O mundo conheceu Art Acord, William Farnun, Harry Carey, William Duncan, William S. Hart, William Desmond, Tom Mix, os famosos "cow-boys"; os comediantes Charles Chaplin, Lew Cody, Slim Summerville, W. C. Fields; os galãs James Hall, Adolph Menjou, Rod La Roque, Malcon Mac Gregor, Thomaz Meighan, Rodolfo Valentino e Ramon Novarro; as "vamps" Francesca Bertini, May West, Lia de Putti e Marlene Dietrich; os atores característicos, Eric Von Strohein, Lon Chaney, Peter Lorre e muitos outros que fariam "chacoalhar corações femininos e provocar chamegos impossíveis. Os grandes filmes se chamavam "Grande Hotel", "O Filho do Sheik", "Maciste", "O Fantasma da Ópera", "O Grande Desfile", "Ramona", "Rio Rita", "O Pagão", "Amigos, amigos, negócios à parte", "Aventuras de Paulina", "Ben-Hur", "Os Dez Mandamentos", "Homens e Feras", "Houdine", além de outros. Entre famosos astros, alguns da Mak Sennet ou da Realease Pictures, além dos

Pathé francesa ou da Ufa alemã, destacavam-se Max Linder, Jimmy Aubrey, Larry Semon, Wallace Beary, Victor Varconi, Fred Humes, Constance Bennet, Norma Talmadge, Constance Talmadge, Bebe Daniels, William Boyd, Boyd, Big Boy Willians, Willy Fritisch, Marika Honn, Robert Donat, Greta Garbo, Douglas Fairbanks Senior e Júnior; Maurice Lynn Flynn etc.

O cinema manteve-se e se tem mantido como atrativo das multidões e foi ele que, praticamente, afetou as atividades circenses. Maior comodidade, lances mais empolgantes (chamados truques), perigos, os "famosos" "Voltem na próxima semana", que significam a continuação das películas chamadas em série e pelas quais havia inusitado interesse. O cinema moderno revelou verdadeiros gênios, não apenas entre astros, como entre diretores, cenaristas, iluminadores, fotografos etc. Figueiroa, Bergman, Fellini, Capra, Huston, Jannings, Le-louch, o brasileiro Cavalcanti; Coppola e outros que seria impossível enumerar. Entre os espíritos de criatividade, Walt Disney, Chaplin etc.

### TELEVISÃO

A televisão foi descoberta, após trabalho insano, por John Logie Baird, um inglês, em 1926 (Enciclopedia Delta Larousse). Daí para cá, seu progresso foi intenso: passou do preto-branco para o colorido, adentrou casas ricas, mansões e casas menos sofisticadas. Mas a pergunta é: Assim como o cinema prejudicou o circo, prejudicará a televisão o cinema? Não cremos e já se comprovou à saciedade que as principais salas exibidoras do mundo, com o seu exuberante conforto e a necessidade que tem a criatura humana de se desambientar de vez em quando, apresentam intenso movimento, estão sempre cheias. Claro que a dependências das boas, das sofríveis ou das más produções.

Nestes últimos tempos, por exemplo (strees, desinteresse ou saturação), segundo informes de "Movies Week", revista especializada norte-americana que se edita em Los

Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP  
01000-000  
CMLHE030537

Angeles, o cinema sexo ou pornográfico, posto em termos médios para exibição trivial estão dando prejuízo. Depois de "O Vento Levou", apareceram películas como "Terremoto", "O Exorcista", "Dr. Jivago", "História de Amor" ou "Romeu e Julieta" e mais tarde "Taxi Drive" (que não se pode considerar um filme "sexo"), que renderam o suficiente para animar os produtores e, assim, assegurar ao cinema a sua privilegiada situação de divertimento preferido das multidões. O cinema será ofuscado pela TV? A resposta é: Não.

#### ESTATÍSTICA

Vamos, agora, a dados domésticos. Campinas foi sempre cidade apreciadora de cinema e teve entre seus filhos pioneiros da arte de Lumière, Amilar Alves, o qual realizou filmes que até hoje podem ser vistos, como "João da Mata" e "Fernão Dias", além de outros que na época, obtiveram sucesso. Hoje, a cidade dá provas de que o cinema é, ainda o principal divertimento de seus habitantes. Em Campinas funcionam os seguintes cinemas: Windsor, (1.000 lugares e frequência média de 3 mil pessoas); Ouro Verde, (1.800 lugares e frequência média (os cálculos são diários) de 2.700 pessoas; Regente, (700 e média diária de 1.100 pessoas); Jequitibá, (900 poltronas e média de 1.100 pessoas; Carlos Gomes (1.800 lugares e frequência média por dia de 900 pessoas); São José (800 lugares e 200 pessoas por dia) Scórpis Auto Cine (ar livre), comporta 250 carros, tem uma frequência média diária de 70 veículos. Referidos cinemas pertencem à Empresa Campineira de Diversões. Há ainda os cines Brasília (870 lugares, frequência média diária de 1.000 pessoas e o Alvorada, com média de 30 pessoas por dia e dispõe de 590 poltronas. Estes integram o Grupo Luciano Cerávolo.

O Sr. Mário Forlin, gerente dos primeiros cinemas, declara à reportagem, com segurança, que um

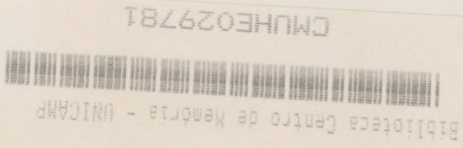


dos "inimigos" do cinema era o petróleo, mas que, em razão de sua alta, o fato em beneficiar a frequência nos salões. E aponta, criteriosamente, que com a gasolina mais barata, famílias inteiras faziam o seu "Week-end" em sítios, fazendas, outras cidades, só regressando à noite de domingo ou segunda-feira. Ele crê que, dentro de pouco tempo, a frequência dos cinemas aumentará. O Sr. Luciano Dini, gerente dos dois últimos, Brasília e Alvorada, afirma que o cinema ainda detém o privilégio de melhor entretenimento, pois sente que os habitués não trocam a tela por qualquer outro tipo de divertimento.

Ambas as assertivas são

válidas. Como arte ou como simples passatempo, o cinema continua a desafiar outros meios de lazer e de auto-afirmação necessária ao relaxamento neutro-vegetativo imprescindível ao sossego, à calma e ao domínio físico-psíquico útil ao bem estar geral do homem submetido à violência de um mundo viperino.

# As Artes em Campinas



CMUHE029781

juízos temerários, resultantes da ignorância e da má fé, querem dar a entender, que só de uns anos para cá, Campinas começou a viver uma fase de imensas atividades artísticas, quando tivemos, num passado recente, períodos de extraordinária vibração, inclusive uma "Semana de Carlos Gomes" com uma impecável encenação de "O Guarani", com elenco do Municipal do Rio de Janeiro, Guaraní, com elenco de Belardi e cenários maravilhosos, também procedentes da ex-capital da República. Isso só foi possível graças ao trabalho relevante do então secretário da Educação, prof. Mario Ghiani, que encontrou no seu amigo pessoal, deputado Novelli Junior — genro do ex-presidente Dutra — o integral apoio. Foram realizados 3 espetáculos e o Museu Carlos Gomes guarda todo o material fotográfico alusivo a essa expedição promogão. Tivemos outras "Semanas" memoráveis, com aquela organizada por uma comissão presidida pelo vereador Floriano Peixoto de Azevedo Marques, que trouxe, inclusive, para Campinas, a famosa Banda dos Fuzileiros Navais.

Campinas, felizmente, no campo das artes, sempre contou com elementos abnegados e idealistas. Lembremos da figura aparentemente frágil da profa. Catharina Ingeze Soares, idealista ao extremo, fundando, com o prof. Rochela e o prof. Ziggatti, o Conservatório Musical "Carlos Gomes", o Conservatório Musical de Judai, que mulher extraordinária, na sua aparente fraqueza física, ainda achava tempo, para estimular o amadorismo teatral, abrigo na sede do seu Conservatório o pessoal que se dedicava ao teatro.

Outras figuras notáveis, algumas já desaparecidas, como José de Castro Mendes, o Zek, apaixonado pelas colossais da história, crítico de arte, fundador do Museu "Carlos Gomes"; a profa. Olga Rizardo Normanha, quanto a didação e quanto amor à música e quanto "sofritamento" quando uma de suas alunas — as vezes uma de suas próprias filhas — executava uma peça, num recital no teatro. Ela ficava nervosa, andando de cá para lá, atrás do palco, entregando as mãos, acompanhando, detalhe por detalhe, a execução. E o seu trabalho relhante para fundar o Conservatório Musical "Campinas", hoje integrado na PUCCI.

Irtamos longe si continuássemos a mencionar nomes, Meminha Lobo, José Dias Leme, Tiana Amarante, Silvio Bueno Teixeira, professoras de piano cujos nomes pretendemos recordar e homenagear, num preito de inteira justiça, o maestro Bove e toda aquela maravilhosa turma da antiga Sinfônica, Mario Monteiro, profa. Lilita Graziani, d. Otavia Mais de Freitas Guimarães, Carlito Mata, Zelia Lessa, Elifas Chinelato Milla e tantos outros, comprovando que Campinas foi sempre um celeiro de as artes, sem visar recompensas materiais. Pouco a pouco, iremos recordando esses nomes, voltando no tempo e lembrando tudo que eles realizaram, com extrema dedicação, no campo das artes, para demonstrar que não foi preciso vir gente de fora para Campinas ser um grande centro artístico.